

A família seguiu no dia imediato para a aldeia. No comboio que os levava a casa, o pai informou-a de que ele e a tia Clara não voltariam para a cidade e que venderia o pardieiro.

— ...O Alberto é um doido, lá anda na oficina, que coma e durma onde lhe apetecer. Jorge, o mesmo. É já um homem, aprenderá a desenvencilhar-se... Tu poderias ir para uma casa de freiras, dessas que recebem raparigas, mas não me agrada a ideia. Ficas em casa da prima Berta, já falei com ela. Estou velho, filha, espero que estudes e chegues ao fim como queria a tua mãe...

Isabel não se lembrava de alguma vez o pai ter falado consigo tanto de seguida e ficou admirada por isso e ainda mais pela resolução de deixarem a cidade, o que estava de acordo com os desejos da tia.

«Ele não sabe que eu quero morrer, coitado do pai...»

Ao subir de novo as escadas de sua casa, sentiu o desejo de lutar, de abrir portas e janelas, sacudir o pó e as teias de aranha enroscadas por todos os cantos e na sua alma. «Não desejo morrer. Que coisa estúpida! A tia tem razão, a cidade é um antro... Aqui não aconteceu nada...»

Olhava-se no espelho do seu quarto, surpreendida por ver de novo o seu rosto rosado, os olhos cinzento-azulados, cheios de vida, e sacudia a cabeça, a espantar hipotéticos fantasmas. «Nem sequer estou agoniada!» — concluía, a sorrir.

Na véspera do Natal sentiu-se horrorosamente nauseada e maldisposta. Ia da cama para a janela e da janela para a cama, fazendo caretas no espelho, procurando por todos os meios «fugir».

Cá em baixo, onde lidava a tia Clara e uma mulher que fazia as vezes de sua serva, berrava-se, havia o entrar e sair dos irmãos, o bater das portas, sons agudos, o pum de caçarolas que caíam e rolavam pelo chão, respostas vivas, gargalhadas, todo um mundo sonoro, irritante e banal. «Qual seria o processo a adoptar para que eu me transformasse na tia Clara?»

Os irmãos, no largo da entrada, entre o portão do quintal e a porta da cozinha, faziam um boneco de neve e de vez em quando interrompiam o trabalho de escultura, saindo dali a correr, atirando pedradas a alvos escolhidos de momento. Isabel quando os via sair, desprendidos e felizes, em grande algazarra, tinha a sensação de que a abandonavam e que, se não saísse também, correndo e gritando atrás deles, em breve iria endoidecer.

Resolvida a sair «daquilo», percorreu a casa sem parar e sem destino, espreitou os quartos com maçãs reinetas debaixo das camas, abriu arcas, mexeu em tudo.

«Não quero entrar na sala das bolotas. Eduardo está em toda a parte, até debaixo da neve... Não irei também à ribeira nem à lameira dos castanheiros nem ao pinhal atapetado de caruma castanho-aver-

melhada... Brinquei com ele na neve, quando era muito pequena, quase me esqueci disso... Não estou morta, isso é que é verdade, não estou morta. Malditos garotos, desapareceram... O que seria de mim se não tivesse estes companheiros horríveis?»

Desceu a escada a correr, atravessou a cozinha, atravancada, nesse dia, de baldes e lenha, fixou, como um pormenor importante, uma réstia de cebolas e uma caçarola, penduradas lado a lado. Cá fora, na neve, escreveu com um pauzinho: «Natal Feliz». E subiu, de novo, indiferente às ordens e resmungos da tia. «Eduardo chegará de qualquer modo, de qualquer modo é necessário que ele chegue... Verá o «Natal Feliz» e há-de apressar-se a vir junto de mim e a apertar-me nos braços. Se isso não acontecer, gritarei por socorro, há-de vir o mundo inteiro saber o que eu tenho e direi... Direi que ele é horrível, pior que o demónio, e que deseja matar-me. Para já, pensarei noutra coisa. Não quero ser destruída, ninguém se atreverá a fazer-me mal... Nascerá o bebé... Vou dizer-lhe isso mesmo e ele vem a correr... Como é que não pensei nisso antes? Meu Deus, fui bem estúpida em não ter ficado contente por as coisas se terem passado assim mesmo... Escreverei a contar. À noite, a tia Clara, como uma fada gentil, vai servir-nos peru assado... Ela é má e eu também sou porque podia ajudá-la e não o faço. Vingo-me dela, no fim de contas! De futuro, será dispensada a ciência da tia. Bastará usar a fórmula mágica para que surja o peru do Natal, bem assado e doirado. Talvez ela descubra a fórmula! Que barulho de caçarolas e panelas! Se eu fosse a menina prendada que ela imaginou, chegaria neste momento junto dela e dir-lhe-ia: «Tia, deixe-

-me ajudá-la. Conheço uma fórmula, quero dizer, uma receita francesa: depenamos, chamuscamos, esvaziamos, enchemos o papo com recheio de castanhas... — Castanhas, seu demónio? Tu és o demónio em figura de gente. Quem, já alguma vez na vida, viu comer bacalhoadada com recheio de castanhas? — Desculpe, tia, pensei que se tratasse de peru. Detesto bacalhoadada, estou agoniadíssima. — Maldita, direi ao teu primo que não case contigo. — E assim falará por mais uma hora. Não quero ser uma boa menina, de modo algum...»

Olhou o quintal e encolheu-se, friorenta, atrás da janela. Só o boneco, como único habitante desse mundo branco e despovoado, parecia fazer-lhe real companhia, troçando-a, fazendo caretas ao seu desgosto.

«Vem brincar, aperfeiçoar o meu nariz e deixa a mania que tens de representar tragédias», diziam os olhos do boneco, duas nozes pintadas a carvão.

«Não estou a representar, boneco, podes crer. Para te ser franca, estou desesperada».

Voltando costas à janela, desceu de novo a escada, sempre em grande correria, enrolou-se no capote do pai, cor de mel e com gola de pele de raposa, e saiu. Ao passar pelo boneco, olhou-o com desprezo e caminhou com vivacidade pela rua branca e fofa que conduzia à aldeia... Pensou que os irmãos talvez por lá andassem a conspirar, combinando patifarias com os amigos, e resolveu ir ter com eles. «Nunca serei a tia Clara e também não desejo tal coisa, essa é a verdade...»

O calor da marcha animou-a como um vinho forte, delicioso e estonteante. «Aconteça o que acontecer, gosto de ser eu. Vou visitar a minha amiga Rita,

apaixonada pelo Zé da Nora, que dizia graçolas. Um dia, a Rita atirou-lhe com lagartixas mortas, agora ama-o».

A aldeia pareceu-lhe plantada numa espécie de paisagem lunar, numa dessas paisagens que ela estava habituada a ver descritas nos livros de ficção científica, algumas com terrível e poético «realismo». «Aqui está uma lua em carne e osso, com casotas primitivas e «selenitas» analfabetos como hipotéticos habitantes desse planeta morto».

— Quero enviar um telegrama para Paris — disse ela ao homem encarregado dos C.T.T., instalados numa casinhola tão pobre como as outras.

— Um telegrama? Ora, a menina nem parece de cá! Alguém que se conheça com nome de gente mandou daqui um telegrama para terras que eu nem sei se vêm no mapa?

— Então, venda-me uns selos e papel...

— Isso é outro falar, porque cartas são papéis que andam na bolsa do João Ferreiro e um homem pode apalpá-las e magicar no que lá vem mesmo sem saber ler nem escrever. É para o seu primo a escrita? Uma criatura «divaral»!

Isabel começou a escrever: «Querido Eduardo...» E ficou parada, com a caneta no ar, sem saber o que poderia acrescentar que merecesse resposta. Rabiscou simplesmente: «Natal Feliz», desistindo de toda e qualquer outra redacção.

Apesar disso, quando de regresso, a caminho de casa, o ar pareceu-lhe mais leve. Atravessou o pontão, mesmo por cima da represa, e sentiu medo à simples ideia de que imaginara suicidar-se ali.

«Caio como um corpo morto, dou com a cabeça

nas pedras e pronto, é o fim. Eduardo, quando souber, mata-se aqui também...»

Sobre o pontão, caminhou apressada. Ao chegar a casa, sem falar a ninguém, deitou-se e adormeceu esgotada.

Dali a horas teve a noção de que a abanavam, chamando-a para a ceia, essa ceia de Natal cozinhada pela tia Clara, silenciosa e desligada como todas as outras de que tinha memória. Continuou a dormir. Eduardo chegou de noite, trazido pelos sonhos. Vinha ladeado pelos irmãos, que judiavam com ele: Alberto soprando-lhe o fumo do cigarro à cara e Jorge fazendo perguntas de entendido sobre o «estrangeiro», no intuito único de deixar o primo «enrascado». A tia Clara estava presente e dava pulinhos em volta dele, oferecendo coisas, perguntava e respondia ela própria. O pai, sentado no canto da lareira, no seu lugar habitual, era de todos o mais real e nítido no sonho. Isabel olhava o rapaz, simplesmente e com toda a naturalidade. Só tinha um desejo: que a família deixasse de soprar como um furacão e depois agarrar-lhe as mãos e encostá-las ao seu rosto.

— Ora esta, ora esta! Que idade tens tu, Isabel? Dezoito? Esqueci-me. Nasceste numa noite linda, mas tão fria! E com luar. Está visto que já esqueci tudo isso. Sente-se aqui, rapaz. Deve ter frio com certeza. Que bonito nevão! É Natal! Isabel vai ser uma grande médica, sem dúvida nenhuma. Ainda era muito pequena e já ela e os irmãos tiravam bebês das barrigas das bonecas... Traz comida, Clarinha! Não quer? Não faltava mais nada! Na nossa casa as pessoas são recebidas como príncipes. Isabel é assim, só namora príncipes. Alberto chama-lhes «As

de Copas». Alberto é doido, não respeita ninguém! Foi expulso do liceu. Clarinha, traz os teus licores... O nosso hóspede quer provar dos teus licores... A Clarinha não percebe nada de príncipes, mas em licores é mestra!

Eduardo sentou-se à lareira, numa conversa sem nexos nem fim com o pai, e Isabel começou a sentir-se aflita porque ele nem sequer a olhava. A tia Clara aproximou uma mesa enorme, redonda, e cobriu-a com uma toalha de linho, alvíssima, e colocou em cima pão, copos, pratos, vinhos e licores, pêssegos e uvas, uma profusão de comidas... Saía tudo da lareira, não se sabe donde nem como, e em breve a mesa ficava transformada num dos banquetes imaginários de Alberto. Beberam um vinho rosado e todos ficaram alegres. Eduardo abraçou-a, deram vivas, partiram copos. Alberto brindou à felicidade dos noivos...

— Eduardo, é a nossa boda! Nem sequer sabíamos... Que coisa engraçada. Devíamos ter convidado Ana, Tadeu e Joaquim...

— Vamos festejar na sala... Os convidados estão todos aí, à porta — dizia a tia Clara. — Isabel ajuda-me, leva estes copos, estes pratos. Depressa, antes que eles entrem e nos vejam na cozinha...

De repente viram-se todos na sala, mas a mesa estava vazia; fora impossível transportar as comidas...

— Eu estou vestida de branco, de rendas brancas, é o vestido da mãe... Ana, Joaquim e Tadeu também estão presentes. Tantas pessoas, quase todas desconhecidas... Vê!

— Brindo à felicidade dos noivos e à bomba atômica! — gritava Joaquim. — Brindo também à

morte! Estamos todos alegres; foram umas bodas como Tadeu anunciou.

Isabel, no cimo da mesa, estava sòzinha, sorrindo e falando a convivas-fantasmas. Eram umas bodas tristes.

— O vosso quarto é o dos hóspedes — dizia a tia Clara —, tem maçãs reinetas debaixo da cama. Não se podem guardar de outro modo, apodreciam. Disse a Isabel que enfeitasse o quarto com todas as nossas riquezas; não sei se me deu ouvidos. Puseste os lençóis de linho bordados? As toalhas? Naquele tempo bordava-se a primor, hoje ninguém sabe sequer o que isso seja. Eu também tive um príncipe, chamava-se Cebola...

A tia Clara começou a chorar: — Sou uma mártir! Quem dirá, ao ver-me, que eu já tive vinte anos e que fui pretendida? O único que saiu a nós foi o Jorge, coitadinho! E essa gente lá da cidade continua a andar pelas ruas como doida, à toa e sem destino? O mano garantiu que nós não voltamos para esse inferno!

Isabel viu a mesa despovoada, só a tia a chorar, dobrada, o rosto apoiado nos braços. Como uma sombra, a seu lado, Eduardo.

— São as nossas bodas, estamos alegres. Deixa chorar a tia. O nosso quarto é o dos hóspedes, vem.

A rapariga subiu enorme escadaria, caminhando à frente do rapaz e protegendo a chama do castiçal com a mão.

— Tens medo da nossa casa?

— Não, porque havia de ter medo?

— O pai diz que a nossa casa é um túmulo. Talvez um pouco fria... O vento deixou de soprar e tu

não voltaste a abraçar-me. Todos os convidados desapareceram sem darmos por isso...

—Tens a certeza, Isabel, de que houve solene festa em nossas bodas?—Eduardo fazia a pergunta junto ao seu rosto, tão vivo e real como se não existisse num simples pesadelo.

—Não, não tenho a certeza... Quem pode saber uma coisa dessas? Talvez um poeta que mora longe e que já está morto...

—Vou perguntar-lhe, talvez saiba, mesmo assim...

—Não vás, fica junto de mim. Tenho frio e medo. Cuidado, não partas o lavatório... A tia diz que ninguém, hoje, fabrica essas coisas... Vê, tem flores pintadas! Van Gogh esqueceu-se de levar os «girassóis» para um museu. No tecto há uvas penduradas, podes comer se tiveres fome. Os lençóis bordados sempre foram colocados na nossa cama e eu estou vestida de rendas brancas. Repara como o vestido é bonito! Assim, escusamos de perguntar coisas aos poetas... Houve solene festa em nossas bodas!... Dou-te o meu diário... Ana já leu, não gostou... Nunca lhe mostrei o meu corpo despido...

—Porque havias de mostrar o teu corpo despido a Ana?

—Em sinal de amizade, está visto! O meu diário é todo inventado, percebes? De verdadeiro, só tenho o meu corpo... Na luz encantada das noites de lua vejo-me num espelho para ter a certeza de que possuo um tesouro. Eu nasci numa noite de lua! Tão fria esta noite, Deus meu! Onde deixei o capote com gola de pele de raposa? Talvez esquecido no chão do banquete... Este vestido é o mesmo com que a mãe foi amortalhada. É preto. O Jorge «viu

tudo». Liberta-me dele porque eu não quero morrer. Como prova do mais solene amor, eu juro que serei tua escrava. Não te vejo... nem sequer me abraçaste... Que coisa horrível esta luz irreal que nasce da terra libertada pela neve. É tanto frio, Deus meu! Não vejo o capote com gola de pele de raposa...

XXIII

—**D**EIXA a tipa, pá. É capaz de estar a representar a «Bela Adormecida»! — dizia Jorge para Alberto, espreitando ambos a irmã, deitada na sua cama alta e antiga, hirta, numa imobilidade de morta.

—Repara naquele dossel! Parece um espantalho desbotado. Vamos arrancá-lo e vestir com ele o boneco de neve? — perguntou Alberto.

—E a tia?

—Ora, a tia! Que nos interessa a tipa? Hoje terá mais que fazer a achincalhar o nosso avô «saltimbanco», que eu vi de manhãzinha no tasco do Ângelo. Que carrocel, termos um avô músico-poeta, o maior artista desconhecido de todos os tempos, e mal lhe falámos na vida mais que uma ou duas vezes...

—E aquele avô não é nada pobre — respondia Jorge. — Tem um café. E se nós o convencêssemos às boas a largar umas massas a favor da descendência falida? Hoje irei à missa de Natal para festejar. Diremos também a Isabel; talvez queira entrar no negócio...

—Se a tipa não acordar, não lê a carta do amado...

Alberto subiu para cima da cama e começou a arrancar os cortinados que serviam de dossel. Deu-lhe uma pisadela e a rapariga acordou. Fitou os irmãos, estremunhada e sem perceber a presença deles ali.

— Toma a cartinha de que estás à espera e deixamos em paz com a neura. Já não é sem tempo! — dizia Jorge entregando à irmã a carta que recebera nessa manhã das mãos do distribuidor.

Isabel pegou-lhe, achando inacreditável que se tratasse precisamente duma carta de Eduardo. Apressada, rasgou o sobrescrito e começou a ler, sem se importar com os comentários dos irmãos:

«Isabel: Depois da carta que escreveste, parece estúpido e descabido que digas amar-me e desejar a minha presença. Não conto pôr mais aí os pés. Irei correr mundo, talvez, e isto se tu não julgares que eu tenho a obrigação moral de casar contigo, o que, conhecendo-te como conheço, eu não acredito. Por mim, considero tudo acabado entre nós. A única coisa que me resta é desejar que te divirtas por todos os modos que te passarem pela cabeça e lamentar que nunca a minha presença te tenha suscitado tão grande euforia. Eduardo.»

E era tudo. Isabel, de começo, ficou branca como a cal e, levada por absurdo instinto, rasgou a carta em bocadinhos. Depois, de repente, desatou a gritar, a gritar dum modo tão aflitivo, rasgado e louco, que deixou os irmãos aterrados e atordoou toda a casa. Desceu da cama e tropeçou, estatelando-se ao comprido, a gritar, sempre a gritar, a gritar, e, possessa, rebolou-se no chão, batendo com a cabeça

no soalho. Veio a família, uma mulher a dias e várias pessoas que andavam perto e que acorreram desorientadas por tamanho clamor e gritaria.

Isabel sentiu-se agarrada, comprimida, esgotada e vazia. A partir daí tudo se tornou vago e sem significado real.

Foi chamado às pressas o pai de Eduardo, que passara o Natal na aldeia, junto do sogro, que tivera um ataque cerebral. No momento em que foram chamá-lo, preparava-se ele para regressar à cidade.

O pai de Eduardo viu-a e negou-se, depois disso, a entregar a doente ao colega da vila. Ia e voltava, sempre numa correria perigosa, justificando-se com o caso do sogro, que todos sabiam estacionário havia dias e por fim entregue ao médico mais novo, que chegara recentemente, mas que inspirava já grande confiança. Enumerou para a família um sem-número de moléstias explicativas do caso e tratou da rapariga sem apreensões, acalmando a todos.

Esta, durante uns dias, lutou contra a febre altíssima que a enlouquecia, isolando-a do mundo, numa espécie de bênção, mil vezes preferível à angústia que a precedera. A tia Clara não parava de resmungar e chorar tal desgraça, que entrara pela porta sem licença de Deus nem do Diabo, mas atendia a tudo, incansável e solícita. O pai percorria o corredor de cá para lá, como um cão que não abandona o dono doente. Sòmente os irmãos tiveram a noção daquilo que verdadeiramente se passava e comentaram o facto, um dia, a medo:

— Quanto a mim, a tipa está grávida — disse Jorge.

— Está. Deve ser isso — respondera o irmão.

— Obriga-se o gajo a casar e acaba-se a questão...

— Claro... Mas se já não gostam um do outro, talvez não valha a pena...

— Qual não gostam! Agora já não há gostos nem meios gostos.

Passados dias os dois rapazes regressaram à cidade. A irmã encontrava-se francamente melhor, sem febre, embora com o ar ausente de quem não se interessa por mais nada no mundo.

Um dia, o médico sentou-se à sua cabeceira, resolvido a conversar com ela e a pôr-lhe o problema com clareza. Começou por perguntar:

— Ouve cá, não tens confiança em mim?

Ela olhou-o admirada, a achar «parva» a pergunta. O pai de Eduardo, apesar do bigodinho à Clark Gable, era um homem sisudo e seco, profissionalmente afável, mas afável e comunicando qualquer coisa de humano e afectuoso. «Como o filho, um hipócrita!» — concluiu a rapariga, e, sem responder, voltou a cara para o outro lado.

— Quer gostes de mim, quer não, é necessário arrumarmos este caso. O bebé foi-se, sabes bem...

— Não me interessa! Só não percebo porque haviam de esforçar-se para que eu esteja viva. Não me interessa estar viva; nem morta, afinal... Tudo me é indiferente — respondeu levantando a cabeça da almofada e olhando-o escarninha.

— Não me venhas com histórias porque eu não tenho a tua idade. Tudo isso é o resultado do desporto, vida ao ar livre, camaradagem, amizade, amor sadio e moderno, sabedoria a rodos e outros substantivos do vosso dicionário, que eu desconheço. Enfim, nada disso conta agora para o caso. Eduardo virá em breve e arruma-se a questão.

Isabel escondeu o rosto, sem responder.

—Escusas de te preocupar mais... — acrescentou, afectuoso.

— Não estou preocupada — disse a rapariga, súbitamente tensa e vermelha. — E não quero casamentos.

— Bom, esperamos-te na nossa casa, como já tinha sido combinado com o teu pai... — respondeu, levantando-se a sorrir, sem dar outra importância à reacção da rapariga.

— ...Já disse que não quero casamentos. E também não quero que Eduardo saiba o que se passou. Ele não tem nada com a minha vida. Odeio-o! — disse com raivosa vivacidade quando o viu à porta, já pronto para sair.

— Seja como quiseres. Dum modo ou de outro, esperamos-te na cidade...

*

Isabel começou a levantar-se. Vinha até à lareira e ali se deixava ficar horas esquecidas, alheada, a ver crepitar as chamas.

Lá fora havia frio, redemoinhos de vento e neve; havia chuva, dores e lutas... Aqui, o calor vibrava em seus olhos garços, fazia ricochete, voltava, era um vaivém, uma sublime ausência. O pai e a tia Clara eram sombras que falavam, ambos transformados em seus escravos, trazendo lenha, leite, ajeitando-lhe a cadeira e as almofadas.

— Quando voltas para a cidade, Isabel? As aulas já devem ter recomeçado há um ror de dias... — dizia, por vezes, o pai ao vê-la afagar um bichano preto, felpudo, que surgira ali, havia dias, por geração espontânea.

— Quando o pai quiser, irei... — dizia ela, olhando-o, o rosto pálido e emagrecido, mas fresco, de

animal jovem. E ficava de novo calada e imóvel. Aninhava-se mais no cadeirão que a tia lhe arranjara, todo forrado de almofadas, e fechava os olhos para que nenhuma imagem do mundo real perturbasse a sua «fuga». «Os livros clamam o vazio, a inutilidade dos gestos humanos, a angústia de existir; outros, um imperativo de luta, de agitação... De que servem os livros? Não quero ver livros nem pessoas. Desejo evaporar-me, sem violência, sem veneno nem veias abertas. Não conheço ninguém verdadeiramente bom nem mau... Somos todos inadaptados, uns pobres-diabos. Porque será que a tia Clara, detestando-me como sempre disse, há-de ter a mania de me massacrar com comidas? Não quer ver-me esticar, naturalmente, por causa do pai... Que complicadas as pessoas, ligadas umas às outras como colónias de protozoários...»

— Come, anda! Faz isso pelo desgraçado do teu pai, se não tens amor a ti própria — dizia a tia Clara, olhando o prato cheio de ovos e carne.

— Está bem, tia — respondia, calma e submissa. — Com isso não posso; prefiro leite, não custa a engolir.

— Já se viu alguém viver dias e dias só a leite?

«Pasárgada é uma cidadezeca. Deixei-a para trás. Aqui é a solidão, o descampado, a paisagem lunar, a ausência de dor — talvez o menos infinito ou o mar da Serenidade...»

O Inverno mostrava-se particularmente frio e ventoso. O pai de Isabel desaparecia por longas horas, dias inteiros. Habituara-se ao tasco da aldeia, onde havia gritaria e calor humano. A tia Clara, como um geringonço de corda, agitava-se em mil ocupações. Activa, resolvera pôr a sua casa como nos

tempos em que fora uma casa — explicava ela, mais para si própria, pois que não obtinha qualquer resposta ou comentário às suas pormenorizadas explicações. Ela estava bem viva, agarrada às coisas como uma lapa à sua rocha.

Isabel, que sempre gostara de «parar» na imobilidade nirvânica, cultivava-a agora como o bem supremo. Toda a agitação se lhe afigurava uma dor a que era necessário escapar. Com um verdadeiro arrepio de prazer, enrolava-se como um gato à la-reira, sentindo o bater furioso da chuva no telhado e nos vidros da janela da cozinha.

Quando o tempo tinha uma aberta, acalmado, a rapariga olhava para fora, para o céu desanuviado, e punha uma expressão abandonada, incompreendida.

— Quando voltas, Isabel? — insistiu o pai mais uma vez. — O primo diz que estás boa, que deves ir para o estudo...

— Vou amanhã, claro... — e levantou-se contrariada.

«Tenho de regressar, todos perguntam porque não o faço. Porque não me deixam em paz? Joaquim e Tadeu estão admirados com a minha ausência. São uns bons amigos... E Ana? Só um mísero postal. Oh, mas não tem importância, que me interessa a Ana, os outros?»

*

Eduardo chegou numa dessas abertas, quando Isabel, gelada por dentro e por fora, desconsolada, se preparava para dar a última arrumadela nas suas malas. No dia seguinte regressaria à cidade e à vida das aulas.

Ao vê-lo surgir à porta, ficou parada a meio da escada, sem pinta de sangue. Não conseguia proferir palavra.

— Ora viva, Isabel! — dizia ele, exuberante, trepando até junto dela. Vendo-lhe o rosto aflito, ficou parado também, a olhá-la, sério.

— O que tens, Isabel? Não queres abraçar-me?

Ela abanou a cabeça, na negativa.

— Não estás contente por me ver?

— Pensei... — disse ela por fim.

— Pensou o quê? — O rapaz subiu mais um degrau e, comovido, encostou-a a ele.

Abraçaram-se, confundidos, a chorar.

— ...Não vale espremer as lágrimas como dois tolos, tanto mais que tenho que engolir as tuas e as minhas — dizia ele, a sugar-lhe as lágrimas e a lambe-lhe o rosto. — Gosto de a ver chorar, está visto que gosto — acrescentava, volúvel, a não querer dar parte de fraco. — Que saudades que eu tive de si, tonta! E a tia?

A tia Clara entrava nesse momento e desfazia-se em exclamações. Isabel só apreendia a toada e uma palavra aqui, outra além.

— ...Não tens frio? Ora esta! Deves ter frio e fome. Vem aqui para a lareira aquecer-te. Ainda não viste o teu avô? Claro, foi castigo do céu. Eu bem digo que Deus não dorme! Já o visitei e perdoei-lhe tudo. Não quero que vá penar por minha causa, embora o merecesse. Ficas aqui connosco, está bem de ver. Lá não tens quem cuide de ti. Numa casa de doentes, todos os paparicos vão para o moribundo. Vou preparar-te o quarto dos hóspedes. Isabel vai amanhã para a cidade. Esteve muito mal. Quanto a mim, ninguém me tira, foi resfriado

que apanhou. Por mais que eu lhe diga para se agasalhar, nunca me dá ouvidos.

Eduardo respondia de vez em quando, outras esquecia-se a olhar a prima, mas isso não fazia grande diferença à tia Clara. Isabel, essa, nem o desfitava, convencida da semiverdade do seu sonho — a família a «soprar».

O rapaz foi ver o avô e ela acompanhou-o. Parecia-lhe um pesadelo ver Eduardo junto do velho e este sorrir ao neto com esquisita lucidez e alegria. A presença dele comunicava a todos qualquer coisa de quente, humano e viril. Isabel renascia, aos poucos.

Noite cerrada voltaram para casa, enlaçados. Sentaram-se à mesa e a família continuou a «soprar».

Depois que o pai e a tia Clara se foram deitar, eles ficaram à lareira. Eduardo conversava naturalmente. Isabel sentia a cabeça à roda como se tivesse ingerido uma droga ou vinho forte. Olhava-o tonta.

— ...Porque não me contaste tudo o que se passava contigo e logo de começo? Porquê, Isabel? Garanto-te que não percebo. Foi necessário que os outros se metessem nos nossos assuntos: o meu pai, os teus irmãos...

«Que me interessa isso, agora» — pensava ela e mantinha-se calada.

— ...Tudo isto nos prova que a nossa sabedoria não é tão infalível como a dos antigos sacerdotes dos templos, fazedores de rituais, não é assim, Isabel? — dizia em tom de brincadeira, não querendo mostrar-se enternecido ou piegas. — Prometo, daqui em diante, fazer-lhe uma corte decente e perdoe-me o ter esquecido ou menosprezado essa obrigação. Porque não falas comigo?... — interrogou por fim, sério.

—Morrias se eu tivesse morrido?—perguntou ela em resposta.

—Claro que morria, juro—respondeu a sorrir, cerrando a pressão sobre as mãos da rapariga, unidas entre as suas e beijando-lhas em seguida, de palmas abertas, viradas para si.

—Porque voltaste, afinal?—perguntava, cada vez mais tonta.

—Porque nos amamos e era estúpido continuar, assim, separados.

—Voltarias se não te tivessem contado todas aquelas coisas horríveis que se passaram?... No fundo, deves odiar-me—disse, com os olhos garços espavoridos.

—Que loucura, Isabel; sabes bem quanto eu gosto de ti e que viria sempre.

—Não me interessa. Mesmo que me odeies, eu não posso viver longe de ti. Sabes o que pensei hoje enquanto fazia as malas? Fugir de qualquer modo e ir ter contigo onde tu estivesses.—Fitou-o, num desafio, e depois escondeu a face nas mãos, humilhada.

Ele levantou-lhe o rosto para si. A rapariga, acalmando-se, sorriu.

—Não te parece melhor, Isabel, vivermos o nosso presente sem rancores? Estamos ambos nervosos deste encontro, um pouco tontos de alegria e mais nada. Ainda nem viste os presentes que eu trouxe para ti—dizia, a querer mudar de assunto.

—Ainda não vos parecem horas!?!—gritou lá de cima a tia Clara, enfiada numa enorme camisa de linho, tal um fantasma.—Amanhã ainda é dia, terão tempo para conversas sem jeito.

—É melhor ir dormir antes que a tia Clara me perca o respeito.

Isabel olhou o gato, enrolado em anel, fazendo um suave ronrom, e respondeu:

—É melhor ir dormir, decento...

A rapariga levantou-se e pegou no candeeiro. Subiu as escadas e dirigiu-se, vagarosa, para o quarto dos hóspedes. Eduardo seguia atrás. Ela colocou a luz sobre a mesa de cabeceira com tampo de mármore, arrepiou-se ao tocar-lhe e senti-lo gelado. Olhou o rapaz e em seguida uma escrivaninha carregada de papelada e livros metódicamente arrumados. Explicou:

—O pai, agora, faz disto uma espécie de gabinete de segredos e leituras proibidas. Mas não se atreve a pregar mapas nas paredes porque aqui manda outro rei!—Sorriu e acrescentou:—Boa noite!

—Não me beijas?—Eduardo prendeu-a num repente.

—Não quero.—E escapuliu-se, lágrimas à flor da pele, contidas.

Já deitada na sua cama alta, de dossel rasgado como o traje dum palhaço, Isabel fixava a janela rendilhada de gelo, tentando decifrar o sentido dos desenhos marcados a capricho, figuras verdes, amarelas e vermelhas, negras, azuladas, e bocarras, depois montanhas altíssimas, brancas, brancas e límpidas, muito límpidas, cavernas do começo do mundo, numa paisagem lunar. Os homens ainda não são homens. Talham calhaus e atiram ossadas a alvos... Um deles desenha rostos simiescos, os seus rostos. De repente, a Lua, redonda, muito pálida, tal menina olheirenta e freirática,

assustou-se, escondendo-se atrás de nuvens gordas, acinzentadas — e o *écran* panorâmico apagou-se...

A rapariga deixava-se ficar meio destapada, sem aconchegar os cobertores, a permitir que os punhais do frio cravassem na sua carne uma dor física necessária para servir de contrapeso duma angústia inesperada. Isabel tinha a sensação de que não tardaria que começasse a rir ou a chorar.

Bruscamente, levantou-se e, descalça, pelo chão gelado, dirigiu-se ao quarto dos hóspedes.

— Estás a dormir? — perguntou muito baixinho, encostando a porta atrás de si e ficando ali, parada, à espera.

— Não... — ouviu dali a pouco a voz do rapaz, bem desperta, mas indecisa.

Isabel foi-se aproximando. Depois, já muito próxima do rapaz, parou assustada.

Por momentos, na semiluminosidade coada através da janela dessa noite de intenso frio, os dois vultos recortaram-se como sombras chinesas que se fitam numa imobilidade fascinada.

Suavemente, ela estendeu as mãos, tacteando-lhe o rosto, detendo-se na curva das sobrancelhas, nos lábios entreabertos, afastando-se de novo, a comprimir-lhe as têmporas.

— ...Quis morrer sem ter-te beijado infinitamente...

— ...Amo-te tudo o que há no mundo...

*

No dia seguinte, o pai de Isabel, que tinha por costume mexer na sua papelada logo de manhãzinha e não se lembrando já da presença de Eduardo, dirigiu-se, como habitualmente, para o quarto dos

hóspedes. De começo, não notou nada, distraído como ia, mas em breve sentiu o calor desusado, inquieto e apaixonante da vida envolvendo-o, repellido-o como uma traição. Afirmou-se na cama e viu o rosto profundamente adormecido de Eduardo e a cabeleira de Isabel esparramando-se sobre o peito seminu do rapaz. Olhou bem, a certificar-se, pormenorizando o vulto da filha, pois lhe parecia estar a observar uma coisa tola e inacreditável. Depois saiu, rápido, indo sentar-se à lareira, dobrado sobre si mesmo, meio aparvalhado.

Bruscamente, levantou-se dum salto, subiu de novo as escadas e dirigiu-se a um quarto de arrumações onde estavam guardados os apetrechos de caça.

— Mato-os como cães. Mato-os. Oh, maldição! Todas as maldições sobre mim.

Parou à porta do quarto dos hóspedes, tocou-lhe e afastou a mão como se recebesse uma queimadura. Cá em baixo lidava a tia Clara e o irmão. Vendo-a, desceu para junto dela, atirando com estrondo a espingarda para um canto.

— Credo, mano! Não vês que pode suceder uma desgraça? Atirar com uma caçadeira carregada como quem atira com o diabo para a rua! Já se viu uma coisa dessas?—e afastava-se, meio espavorida, meio teatral.

— Connosco já não acontecem desgraças porque já se passaram todas. Nem uma nos resta para amostra. Adeus.

E saiu porta fora, caminhando direito pela rua como um rapaz.

— Aonde vais, mano? Nem sequer almoçaste. Que se passa contigo!

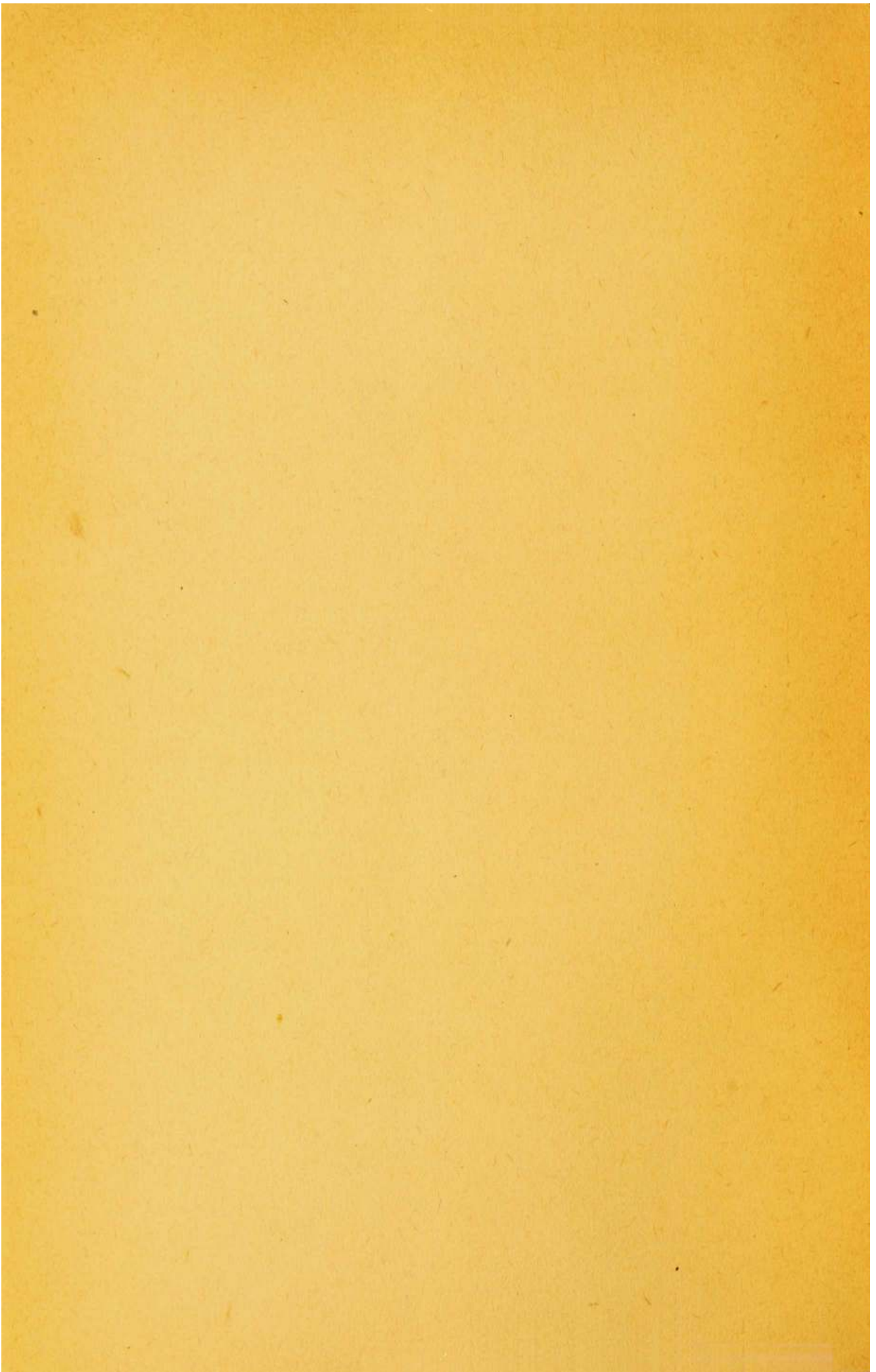
— O que querias tu que se passasse? Deixa-me em paz! Devia ir à vila buscar um escrivão e uma banda de música para celebrar os esponsais da minha filha; devia matar-me, talvez... Nada disso acontece. Irei contratar uma mulher que tome conta da casa. E quando eu voltar — acrescentou numa raiva incontida — não quero encontrar ninguém, nenhum de vós, aqui dentro de casa. Mato, sem piedade, seja quem for... — terminou, o ódio a morrer-lhe na garganta, enovelada, em desânimo e alheamento.

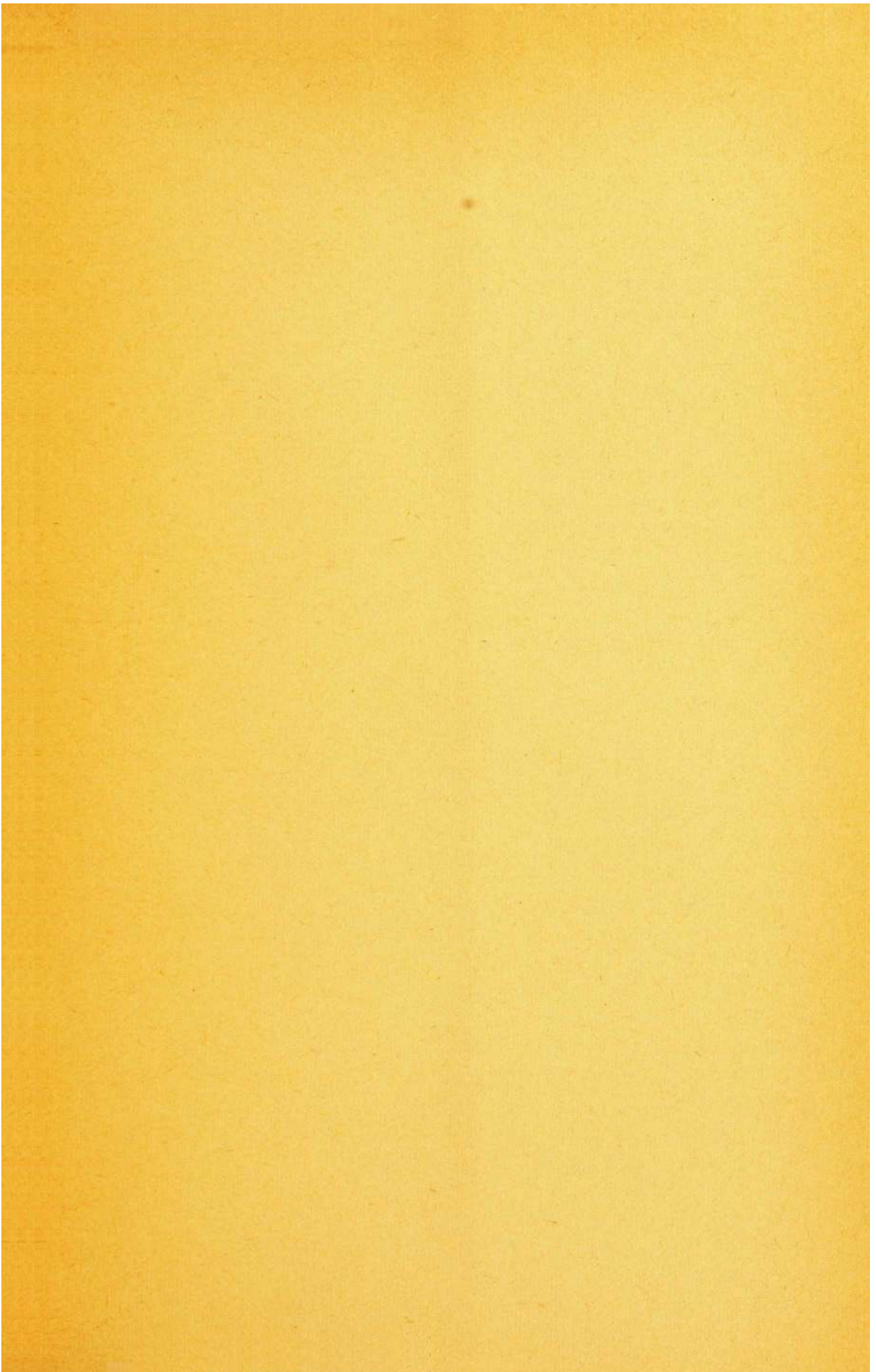
Afastou-se, de ombros curvados, rosto baço e envelhecido de quem desiste sempre de qualquer luta, enquanto a irmã atroava a casa e os ares em desconchavada gritaria.

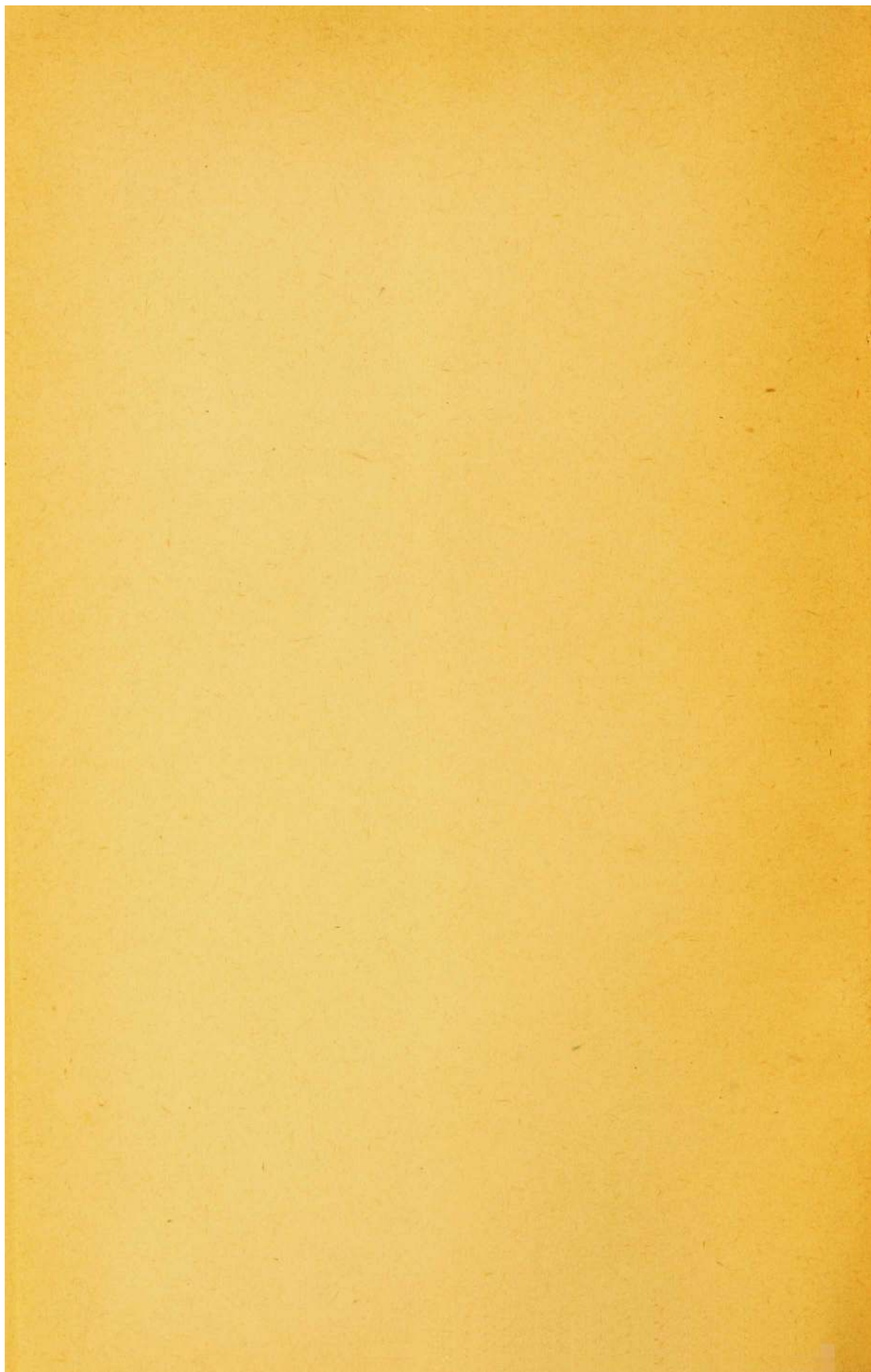


Índice

	Pág.
Capítulo I	9
» II	21
» III	35
» IV	46
» V	52
» VI	69
» VII	82
» VIII	97
» IX	104
» X	120
» XI	136
» XII	147
» XIII	160
» XIV	178
» XV	189
» XVI	209
» XVII	227
» XVIII	233
» XIX	244
» XX	253
» XXI	271
» XXII	288
» XXIII	298







juventude, Alice Sampaio progride nestas páginas o inventário dum tempo e dum espaço que amargamente conhece no seu conflito de gerações, anseios e revoltas. Onde um conflito maior se desenha afinal. E esse será vivido, a cada momento, pelos dias e pelas noites das personagens que surgem na acção do romance.

Há em «A Cidade Sem Espaço» o *leit-motiv* dum voz de autêntico timbre feminino que a presença do escritor sabe acompanhar em discreto contraponto. Mas, no caso desta nova ficcionista, a consciência, a necessidade de dizer em arte, transcende o entendimento unilinear dum situação da mulher, mesmo dum situação de juventude, para abranger as mais dispersas solicitações, todas encontradas na mesma proposta dum destino nascido do encontro da vida em plenitude, criado pela cidade à medida do que somos e quotidianamente sacrificamos numa vida sem idade.

Capa de

Guilherme Casquilho

Colecção

Autores Portugueses

VOLUMES PUBLICADOS:

VIDA PERIGOSA
A NOITE ROXA
UMA PEDRADA NO CHARCO
AS AVES DA MADRUGADA
NUS E SUPPLICANTES
de Urbano Tavares Rodrigues

VOLTAR ATRÁS PARA QUÊ?
CRÓNICAS DA SERRA
de Irene Lisboa

BANDEIRA PRETA
de Branquinho da Fonseca

O ÂNGULO RASO
CALENDÁRIO PRIVADO
A GATA E A FÁBULA
de Fernanda Botelho

OS DESERTORES
de Augusto Abelaira

LUSITÂNIA EXPRESSO
de Ferro Rodrigues

A CIDADE SEM ESPAÇO
de Alice Sampaio

A PUBLICAR:

O CARRO DE FENO
de Luís Forjaz Trigueiros

